

O índio e a música popular brasileira

(UMA PAGINA DO IMORTAL MARIO DE ANDRADE)

Ao lado de todo esse movimento histórico em que a música artística se manifestava, no Brasil, mais por uma fatalidade individualista ou fantasia de elites que por uma razão de ser social e étnica, principiou tomando corpo no século XIX uma outra corrente musical, sem força histórica ainda, mas provida de muito maior função humana: a música popular.

Não sabemos nada de técnico sobre a música popular dos três séculos coloniais. Um povo misturado, porém inda não amalgamado, parava nas possessões que Portugal mantinha por aqui. Esse povo feito de portugueses, africanos, ameríndios, espanhóis, trazia junto com as falas dele as cantigas e dansas que a Colônia escutava. E foi da fusão destas que o nosso canto popular tirou sua base técnica tradicional.

O que tirou do aborígene? Não sabemos quase nada de positivo. O chocalho, empregado como obrigação nas orquestrinhas maxixeiras, não passa duma adaptação civilizada de certos instrumentos ameríndios de mesma técnica, por exemplo o maracá, dos tupis.

Certas formas poéticas obrigando o canto a uma conformação especial de fraseado, usadas ainda, principalmente no Nordeste, foram decerto influência ameríndia. Barbosa Rodrigues registra uma boa porção de cantos brasileiros, cuja forma se caracteriza por seguir a cada verso da estrofe um refrão curto:

Cha munhan muracê,
Uacarã.
Cha ricó ce "patrão",
Uacarã.
Che re raçõ arama,
Uacarã.

Esse processo tem parentesco evidente com muitos cantos atuais. Eis algumas manifestações contemporâneas, semelhantes ao processo brasileiro:

Solo :- Oh li-li-li-ô!
Côro :- Boi Tungão!
Solo :- Boi do Maioral!
Côro :- Boi Tungão!
Solo :- Bonito não era o boi...
Côro :- Boi Tungão!
Solo :- Como era o aboiar.
Côro :- Boi Tungão!
(Etc.)

(Colhido no Rio Grande do Norte).

ou :
Você gosta de mim,
Maria,
Eu também de você,
Maria,
Vou pedir pra seu pai,
Maria,
Pra casar com você,
Maria,

(Colhido em São Paulo).

ou :
Vou-me embora, vou-me embora,
Prenda minha,
Tenho muito que fazer;
Tenho de ir parar rodeio,
Prenda minha,
Nos campos do Bem-querer!

(Rio Grande do Sul).

Não tem dúvida que fórmulas parecidas com estas frequentam o folclore português e hispano-americano às vezes (mesmo o "prenda mia" aparece nos hispano- (até coincidindo a escolha frequente de nomes tirados curto, duma só palavra, repetido no fim de cada verso americanos do Sul); porém a sistematização do refrão da fauna, pra fazer o refrão) possivelmente é reminiscência de maneira ameríndia.

Entre as nossas formas coreográficas, uma das mais espalhadas é o Cateretê ou a Catira, dansa de nome tupi. Anchieta pra catequizar os selvagens já se aproveitava dela, parece, deformando-lhe os textos no sentido da Religião Católica. Caso mais indiscutível ainda dessa fusão ameríndio-jesuítica é o do Cururú. Em certas festas populares, religioso-coreográficas, tais como a dansa de São Gonçalo e a dansa de Santa Cruz, pelo menos nos arredores de São Paulo, após cada número do cerimonial, dansa-se um cururú. Ora os processos coreográficos desta dansa têm tal e tão forte sabor ameríndio, pelo que sabemos de dansas brasileiras com a cinematografia atual, que não hesito em afirmar ser o cururú uma primitiva dansa ameríndia, introduzida pelos jesuítas nas suas festas religiosas fora (e talvez dentro) do templo. E esse costume e dansa permaneceram vivos até agora.

Nossa raça está fortemente impregnada de sangue guaraní. Os brasileiros empregavam e empregam frequentemente o som nasal, cantando. Esta nasalização do canto é comum inda agora em quase todo o país, embora seja possível distinguir pelo menos dois timbres nela, um de franca origem africana, outro já peculiarmente nosso.

A tendência para o canto amoroso é dominantíssi-

ma em Portugal. No fim do século XVIII o viajante M. Link constatava que "as cantigas do povo português são queixosas; no geral contam penas de amor, raramente são sensuais e muito pouco satíricas". Pois essa tendência foi fortemente contrariada aqui. Si a pena de amor frequente bem a cantiga brasileira (como aliás frequente a cantiga de todos os povos do mundo), ela não toma entre nós uma predominância absoluta. Chegou mesmo a se domiciliar em certas formas particulares: a Modinha que geralmente é queixume e a Toada cabocla. O lundú, pelo contrário, no geral trata o amor cômicamente. Algumas vezes é senvergonhamente sensual. Porém nas outras formas, a variedade de assunto é vasta. No meu "Ensaio sobre Música Brasileira", um despropósi-

to dos documentos expostos não tratam de amor. Não vou até afirmar que isso provenha de influência ameríndia exclusiva, porém inda aqui me parece inconteste que os temas quase nada amorosos do ameríndio, e o sangue dele correndo em nós, levaram a gente a uma contemplação lírica mais total da vida.

Também os "Caboclinhos", "Caiaipós", etc. nomes de vários bailados atuais do país, são de inspiração diretamente ameríndia e, às vezes, representam cenas da vida tribal. E essa mesma inspiração transparece em certos ritos feiteiros da religiosidade nacional, como o Catimbó nordestino e a Pagelança nortista.

(Pequena História da Música).